
BELO SERTÃO: REFERÊNCIAS ESTÉTICAS PARA PROCESSOS CRIATIVOS EM DRAMATURGIAS, VISUALIDADES E POÉTICAS DE ENCENAÇÃO NAS ARTES CÊNICAS.

Enjolas de Oliveira¹

RESUMO:

A abordagem deste artigo consiste em criar um pequeno painel de referências, possibilidades, motivações que servem para processos criativos nas Artes cênicas. Busca-se demonstrar como uma variedade de histórias, de aspectos naturais, sociais e culturais podem contribuir para o artista de teatro poder criar espetáculos contextualizados e que tenham a vida no sertão como referência para sua arte. Narra algumas histórias como a do cangaço e do messianismo que servem para criações dramáticas assim como para a construção imagética de um espetáculo em que se configura as visualidades, como: figurino, maquiagem, adereços de cena, cenografia e iluminação. Discute alguns autores que questionam a visão estereotipada sobre o sertão e a necessidade de preservação da identidade cultural da região como meios para poéticas de encenação.

Palavras-chave: Sertão. Artes cênicas. Visualidades. Processos Criativos. Encenação.

ABSTRACT:

The approach of this article is to create a small panel of references, possibilities, motivations that serve for creative processes in the performing arts. It seeks to demonstrate how a variety of stories, natural, social and cultural aspects can contribute to the theater artist to create contextualized shows that have life in the backlands as a reference for their art. It narrates some stories such as that of Cangaço and messianism that serve for dramaturgical creations as well as for the image construction of a show in which visualities are configured, such as: costumes, makeup, scene props, scenography and lighting. It discusses some authors who question the stereotyped view about the hinterland and the need to preserve the region's cultural identity as a means for staging poetics.

Keywords: Sertão. Performing arts. Visualities. Creative Processes. Staging.

RESUMEN:

El enfoque de este artículo consiste en crear un pequeño panel de referencias, posibilidades, motivaciones que sirven para procesos creativos en las Artes escénicas. Se busca demostrar cómo una variedad de historias, de aspectos naturales, sociales y culturales pueden contribuir para el artista de teatro poder crear espectáculos contextualizados y que tengan la vida en el sertão como referencia para su arte. Narra algunas historias como la del Cangazo y del mesianismo que sirven para creaciones dramáticas así como para la construcción imagética de un espectáculo en el que se configuran las visualidades, como: vestuario, maquillaje, aderezos de escena, escenografía e iluminación. Discute algunos autores que cuestionan la visión estereotipada sobre el sertão y la necesidad de preservación de la identidad cultural de la región como medios para poéticas de puesta en escena.

Palabras clave: Sertão. Artes escénicas. Visualidades. Procesos Creativos. Puesta en escena.

INTRODUÇÃO

¹ Doutor em Artes Cênicas. Professor e Artista. Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Senhor do Bonfim, Bahia, Brasil. enjolasdeoliveira@gmail.com/eomatos@uneb.br

As imagens, as paisagens, as histórias e toda beleza existente do semiárido podem servir como fonte de grande recurso cênico a fim de criar uma poética que tenha o intento de garantir visibilidade e repercussão do que melhor existe de criação a partir de temáticas da vida no sertão. Há temas como o cangaço e o messianismo que vão se alinhar a outras manifestações populares que se tornam não apenas referências e inspirações para as visualidades, mas uma forma de se fazer teatro. As histórias da nossa terra podem servir também de referências para se pensar processos criativos que tematizam a região do sertão com o objetivo de construir poéticas de encenação para espetáculos que retratam as nossas vivências, humanidades e relações. Procurar tanto na história como na vida cotidiana podem levar a germinar no palco uma criação feita de um mundo povoado de seres míticos, sagrados, profanos, comuns e populares da nossa terra. Esse teatro seria uma combinação de um olhar sensível e atento para os dramas do povo sertanejo.

O semiárido do nordeste do país é um território concebido historicamente como sinônimo de sertão; um lugar estigmatizado no imaginário nacional como representação de miséria, analfabetismo e seca, entre outros signos associados ao passado e ao atraso. Dessa forma, o sertão ainda ocupa um lugar nos discursos sobre a nacionalidade de forma ambígua. Isso pode ser lembrado por meio da polarização que tem atravessado o país nos últimos anos. No entanto, há um manancial de riquezas, possibilidades, manifestações culturais e uma ampla imagética de belezas poéticas assim como uma grande capacidade de modernização e desenvolvimento urbano além de bens culturais e imateriais que são constantemente elaborados, aperfeiçoados e produzidos na nossa terra. Stuart Hall (2006, p. 327) afirma que “é somente no modo no qual representamos e imaginamos a nós mesmos que chegamos a saber como nos constituímos e quem somos”. A reafirmação da nossa identidade cultural tem levado cada vez mais a uma potência maior de criatividade e imaginação.

CAPÍTULOS

IMAGENS A SEREM RESSIGNIFICADAS

Nossos processos criativos nas Artes cênicas têm se ressignificado através de uma quantidade significativa de cores, formatos, texturas, sons, entre outros, que não cessam em se apresentar para nós no decorrer de nossa rotina de imagens que brotam da vegetação da caatinga, por exemplo. Algumas imagens ficaram no nosso imaginário por meio da pintura de Cândido Portinari, da literatura de Graciliano Ramos, da poesia de João Cabral

de Mello, do teatro de Ariano Suassuna ou da música de Luís Gonzaga. O homem sertanejo e a vida no sertão foram retratados, dessa forma, por Guimarães Rosa em *Grande sertão: veredas*, que teve sua história adaptada para o teatro pela encenadora Bia Lessa. Sua concepção das visualidades procurava representar um espaço árido e confinado, mas a diretora se utilizou de armações de metais para criar uma grande área de confinamento para os personagens. Podemos ver através da sua concepção e poética de encenação que seu processo criativo passa longe de todos os elementos visuais que fazem parte da vida sertaneja. Segundo Cláudia Vasconcelos (2011), referindo-se a discussões sobre a cultura de Salvador e do Recôncavo baiano, mas que podemos ampliar para a toda região, há uma tendência a suprimir a visibilidade de uma presença rural/sertaneja em um estado culturalmente muito plural e do qual 70% do território é classificado como semiárido.

Conforme Vasconcelos (2011), a Bahia aparece no imaginário nacional e internacional como a terra da felicidade, um lugar diferente, místico e sensual, o berço de uma cultura mestiça marcada pela herança africana, um caso à parte do Nordeste e, mais ainda, um caso à parte do Brasil. Cláudia Vasconcelos afirma que houve mudanças no que se refere à hegemonia do texto da baianidade e sua relação com a sertanidade e argumenta sua tese com fatores importantes relacionadas a mudanças na visibilidade da nossa cultura. As transformações passaram a acontecer a partir de uma política de governos mais sensíveis à valorização das culturas dos sertões, que valorizaram as culturas populares e a diversidade cultural do estado, dessa forma, a Bahia passa a ser vista como uma terra também feita de sertões, segundo a autora (Vasconcelos, 2011). A presença de inúmeros movimentos sociais também trouxe um conceito de convivência mais enriquecedora com o semiárido, ao provocar um rompimento com as narrativas coloniais, politizando a discussão sobre os sujeitos e os sentidos dos sertões. A literatura de Jorge Amado torna-se um exemplo que acabou traduzindo um só lado da Bahia, apesar de revelar a condição sertaneja através do livro *Seara vermelha*, no qual narra a saga de uma família de lavradores pobres expulsos de suas terras. Uma história permeada pelo cangaço, o misticismo e os embates políticos da região, mas a narrativa que prevalece da sua obra é distanciada do sertão. O discurso oficial acaba privilegiando a cultura da capital e do litoral.

A imagem distorcida do sertão e estereotipada por conta de alguns artistas, que se inspiraram na nossa cultura e a traduziram como um lugar de fome, tristeza, etc., e, no

final das contas, encontramos uma caatinga com a pluridiversidade. Antenor Rita Gomes (2019) apresenta um modelo pedagógico *in progress* para a prática de um ensino contextualizado com base nas imagens do sertão. O autor fala que o sertão é um sentimento de pertencimento e um conjunto de práticas culturais que o tornam de difícil localização ou definição. “O sertão engloba, em si, diferentes nuances físicas e culturais e, ao mesmo tempo, avança por variados territórios, dilatando as fronteiras espaciais.” (Gomes, 2019, p. 21). O autor também fala sobre a visão estereotipada em que o sertão é retratado; um olhar que não atenta para as formas de vida e de cultura que resistem à seca. A imagem da região semiárida possui uma cultura tradicional de miséria e atraso que se formam distorcidamente por conta de alguns artistas que se inspiraram na nossa cultura e a traduziram como um lugar de fome, tristeza, etc., sendo que na Caatinga encontramos tanta diversidade. Antenor Rita Gomes revela o quanto a fotografia torna-se um modo de contribuir de forma significativa na formação de um novo imaginário sobre o sertão em que as imagens fotográficas serviriam para desconstruir e desalojar as ideias preconceituosas e estereotipadas sobre o sertão. Surge do pensamento desse autor, a necessidade de erguer visões mais construtivas da realidade, percebendo belezas, alternativas e novos valores. As imagens seriam geradoras, estopim para reflexões e problematizações sobre o contexto social do sertão.

PROCESSOS CRIATIVOS E VISUALIDADES

Diante desse panorama com suas peculiaridades e ambiguidades apresentados, trago o pensamento da professora e artista Sonia Rangel com amplo conhecimento em processos criativos, visualidades da cena e poéticas de encenação nas Artes cênicas para pensarmos possibilidades, inspirações e referências na criação para o teatro. A autora aponta para a não existência de modelos metodológicos pré-definidos para o desenvolvimento de processos de criação. Sugere uma abordagem compreensiva, admitindo que em arte não existam respostas estanques, mas soluções diversas adaptadas às singularidades dos processos cognitivos individuais, permitindo a inclusão dos sujeitos na busca do amadurecimento de suas obras, como agentes ativos comprometidos na construção do conhecimento. Refletindo sobre isso, podemos pensar nos sujeitos imbrincados na cultura do sertão que estão aptos a criar a partir de uma temática em que se sente engajado e fazendo parte genuinamente dela. Rangel (2009, p. 127) estabelece um pensar a partir de *perguntas passaporte*, afirmando que não são perguntas criadas para

apenas para serem respondidas, mas são indagações que levem a “sondar os pensamentos da imagem e as imagens do pensamento” a fim de criar novas obras”. Recorrendo às suas ideias, precisamos adotar princípios que possam articular o vasto repertório, memórias, experiências e aprendizados de quem conhece o sertão e suas variadas possibilidades de criação. O artista das Artes cênicas é levado a investigar sobre processos criativos, em que atualizamos as estratégias, procedimentos e repertório que possam ser decifrados “[...] pelo sujeito a cada ciclo de seu olhar nos encontros, ações e desejos de criação” (RANGEL, 2009, p. 8). As histórias da nossa terra assim suas belezas servem de inspiração para se pensar poéticas de encenação que tematizam a região do sertão baiano. Esse teatro seria uma combinação de um olhar sensível e atento para os dramas do povo sertanejo da Bahia.

A palavra visualidades significa qualidade daquilo que é visual. Para as Artes cênicas, visualidades significa o conjunto de elementos que compõem uma encenação. Assim, a cenografia, o traje de cena, a iluminação e a caracterização fazem parte desse grande campo. A peça depende de uma história construída dramaturgicamente com seus gestos, tons de fala, luz, cenografia e figurino, diversas correntes estéticas surgem, desde a origem do teatro até os dias atuais, que passam a propor a construção de narrativas e visualidades que adquirem maior autonomia artística e criativa. Geralmente, nos currículos de teatro prevalecem os estudos da história e da cultura europeia para o conhecimento das visualidades da cena, no entanto, é de grande importância também para os estudos cênicos que as investigações e as discussões recaiam sobre os demais eixos de formação cultural do Brasil, como um estudo mais aprofundado das artes no sertão que sirvam como conteúdo para se refletir sobre processos criativos a partir de referências do sertão.

Só o sertão da Bahia corresponde a cerca de praticamente quarenta por cento do estado e é uma terra que apresenta cores, imagens, luzes e sombras muito mais do que costumamos vislumbrar, por isso é importante perceber o seu cotidiano, as suas histórias e as suas pluralidades a fim de exercer um telurismo poético que estimule, inquiete e fascine o nosso imaginário e conduza a uma criação que valorize o nosso sentimento de pertencimento sertanejo. O sertão constitui-se de uma multiplicidade de histórias, de realidade sensíveis, de memórias, e de esquecimentos. A natureza é um grande manancial para despertar nossa imaginação, criatividade e sensibilidade como a vegetação da Caatinga que em épocas de seca, por conta do clima semiárido, costuma se apresentar

com espinhos e poucas folhas. pois essas se desfazem quase totalmente das folhas como forma de evitar a perda de água pela evaporação.

O sertão e a seca não são realidades homogêneas onde vemos duas estações em que a vegetação se apresenta: com chuvas e sem chuvas. As paisagens do sertão, numa estação sem chuvas, com seus cenários de mata fechada e espinhenta, sua vegetação catingueira esbranquiçada, cinzenta, isso explica o nome caatinga, que é uma expressão indígena para “mata branca” Uma cor oriunda do clima semiárido que deixa a terra seca com árvores pequenas que apresentam espinhos e se desfazem quase totalmente das folhas como forma de evitar a perda de água pela evaporação, seus cactos e mandacarus; além dos tons e das cores das outras vegetações, da terra pedregosa e dos lajedos em formas variadas. Mas, quando as chuvas ocorrem, a paisagem se transforma de forma muito rápida, ganhando um aspecto diferente, com árvores cobertas de folhas e pequenas plantas que se espalham pelo chão, com rios, lagos, açudes e tanques que inundam os espaços; onde as represas de águas escura são protegidos por uma vegetação própria com flores amarelas. Essa terra transforma-se de forma muito rápida com a chuva, ganhando uma infinidade de tons de verde, com árvores abarrotadas de folhas e a terra de pequenas plantas que se espalham pelo chão e embelezam a paisagem. São duas estações discrepantes, mas que trazem seus infinitos cantos dos pássaros, dos bichos do mato, dos cantos da cigarra e das flores que brotam entre as pedras.

HISTÓRIAS E IMAGENS POÉTICAS

Nesse contexto, temos a figura do sertanejo, provavelmente o único humano capaz de sobreviver nessas terras. As histórias e as diferenças locais, como indumentária, os hábitos, a culinária, as crenças e o folclore são bem distintos, variando conforme a região. Em tempos longínquos, temos a referência na nossa história do *Lunário perpétuo*, um livrinho considerado sagrado editado em Portugal desde 1703. Quem soubesse ler, interpretar e repassar os ensinamentos contidos nesse livro, era visto pela população como homens iluminados, como se fosse profetas, visionários, adivinhos, magos e místicos por darem consultas ao povo do sertão nordestino. O *Lunário perpétuo* dava ideias sobre como construir um relógio de sol ou como saber a hora pela posição das estrelas, explicava os eclipses, os efeitos da lua sobre o mar ou como reconhecer a chegada da peste, da carestia, de ventos ou da seca. Também apresentava cantorias fúnebres, rezas para festas religiosas, culinária, dúvidas sobre a chegada de um amor, indecisões sobre

escolhas, questões de doenças e dor, o que plantar ou não plantar; e tudo era atualizado anualmente. Um livro que registrava muitos dos costumes e das mentalidades de um tempo. Segundo Câmara Cascudo, as previsões do tempo eram acatadas como se fosse sentenças e havia os ensinamentos sobre como agir em caso de terremotos, maremotos, no inimaginável mar do interior do sertão, também indicava qual eram o dia bom para. Conforme o autor, tudo era assimilado, acreditado e seguido. Outro livro muito difundido nessa região foi a *Missão abreviada*, que chegou ao sertão na metade do século XIX, também contém referências a beatos, profetas e religiosos, servindo, de certa forma, como catequese para os mais pobres, que não compreendiam a leitura considerada rebuscada (Pericás, 2010). Artistas, cantadores e escritores tomam esses livros como referências para processos criativos tanto na música quanto no teatro como na literatura. O músico cantador e contador pernambucano, Antônio Nóbrega, disse que tudo o que aprendeu sobre toadas, cantigas, choros, músicas, instrumentos, passos, gingados, dança e ser brincante advém do seu lunário perpétuo pessoal.

Entre as figuras míticas do sertão nordestino temos Antônio Conselheiro, que, talvez, tenha sido um lunarista, nasceu no Ceará, mas por causa de uma desilusão amorosa, saiu pela região pelo nordeste vindo parar no arraial de Canudos, pequeno vilarejo no sertão da Bahia. Em Canudos, tornou-se um líder religioso e carismático, que adquiriu uma dimensão messiânica ao liderar milhares de sertanejos, entre camponeses, indígenas e escravizados recém-libertos e expulsos das fazendas em 1888, onde trabalhavam sem ter então nenhum meio de subsistência. O sertão da Bahia atravessava a grande seca de 1877, onde jagunços e cangaceiros promoviam justiça social com as próprias mãos, assaltando fazendas e pequenos lugarejos e consideravam que roubar para matar a fome não é crime. Na época, Antônio Conselheiro torna-se notório entre os sertanejos pobres, que também o conhecia como o “Bom Jesus”, vira uma figura santa, um profeta enviado por Deus para socorrer o povo sertanejo. Sua liderança culminou com a Guerra de Canudos, em 1897, quando o povo do arraial lutou contra o exército do governo republicano, que retratava Antônio Conselheiro como louco, fanático religioso e contrarrevolucionário monarquista de alto periculosidade.

Andreas Doeswijk no artigo, *Canudos: um delírio milenar ou uma utopia agrária?*, aborda o caso dos seguidores de Antônio Conselheiro e a história de Canudos através dos romances *Os sertões*, de Euclides da Cunha e *La guerra del fin del mundo*, de Mario Vargas Llosa, por só citar algumas referências. As diferentes abordagens dos autores, que

Doeswijk utiliza, servem de guia para analisar as características de um movimento que, ao classificá-lo como messiânico ou milenar, evitou aprofundar-se nas suas raízes mais profundas. O autor do artigo tira suas próprias conclusões sobre o acontecido e afirma que Canudos consistia numa utopia agrária e comunalista que utilizava a religião como forma ideológica de impulsionar a vontade sertaneja de partir para a ação. Mas ainda há leituras que veem o sertão de forma estereotipada como atrasado, pobre, religioso e fanático por um messias como Antônio Conselheiro.

A figura de Antônio Conselheiro vestido de túnica roxa e olhos flamejantes capaz de comandar uma multidão, e criar uma espécie de rebelião contra as forças opressivas daqueles que detém o poder como dono da terra ou político, tornou-se processo criativo para a poética de encenação de Zé Celso Martinez, grande diretor teatral paulista, morto em julho de 2023, que adaptou o livro *Os sertões* de Euclides da Cunha para o teatro tendo acalentado o projeto por mais de duas décadas e dividiu a história em cinco peças distintas: *A terra*, *O homem 1*, *O homem 2*, *A luta 1* e *A luta 2*. O diretor paulista saiu do mundo urbano e abordou a sertanidade ao adaptar a história para o teatro a partir de duas almas geniais que tentaram desvendá-lo, mas Antônio, Euclides e Zé acabaram sendo transformados pelo sertão e tentaram transformá-lo provocando com religião, liberdade e arte mas que, no final das contas, os três acabam sendo mortos de forma trágica (Damasceno, 2023). O espetáculo *Os sertões* de Zé Celso foi levado a Canudos no ano de 2007, contemplando a terra, palco da história de Antônio Conselheiro e da Guerra de Canudos.

Concomitantemente a esta história no sertão nordestino, há a história do cangaço que é uma das mais marcantes vividas pelo povo sertanejo sendo um fenômeno exclusivo da cultura. A memória do fenômeno do cangaço permanece no imaginário do povo nordestino, fazendo parte da cultura popular do sertão até os dias atuais. O cangaço teve seu apogeu a partir da década de 1920, com o ingresso de Lampião, que apesar de ser o maior ícone deste movimento, não foi o criador. O movimento lutava por questões de honra e de revolta contra a opressão política. Os relatos mais antigos remetem a meados do século XVIII, quando José Gomes, conhecido como Cabeleira, desenvolveu suas atividades e, posteriormente Lucas da Feira, de Feira de Santana, na metade do século XIX, amedrontaram os povos do Sertão. Conforme Pericás (2010), eles podem ser vistos como os precursores do que se definiu mais tarde como cangaço.

A indumentária do cangaço era adornada ricamente por símbolos e objetos em ouro e prata com símbolos místicos que vão além da sua simples funcionalidade. Esses símbolos são recorrentes principalmente nos chapéus, como a flor-de-lis, signo-de-salomão e cruz-de-malta, por exemplo, cumpriam, não somente com a função estética, mas também lhes traziam proteção mística, sendo até hoje um dos símbolos do sertão nordestino. A formação da figura do cangaceiro advém da religião, contribuindo, também, para a construção imagética do homem sertanejo. Os trajes eram confeccionados por alfaiates, e estes, até, passavam a ingressar o bando do cangaço. Lampião, a figura mais emblemática do cangaço, costurava e vendia suas criações antes mesmo de entrar para o movimento. Cada cultura possui suas especificidades, nesse contexto, vemos que moda, vestuário e adorno seriam também considerados como cultura. Então cada modo de vida se difere entre os grupos sociais e gera significados, assim, nos constituímos como seres sociais e culturais. Segundo Marie Louise Nery (2009, p. 09): “Todo homem, selvagem ou civilizado, possui uma alma coletiva na qual repousam todas as formas de arte, recebendo influências também da cultura de outros povos, que se reflete no modo de vestir”.

METODOLOGIA

Na abordagem utiliza-se como metodologia uma pesquisa de natureza aplicada, possuindo abordagem qualitativa através do método indutivo e, apresenta caráter exploratório de cunho bibliográfico, que se deu por meio de livros, artigos científicos, tese, dissertações, livros de arte e pesquisa imagética. Tal trajetória serve como forma de adentrar princípios, estéticas, histórias que configuram a poética do sertão, procurando encontrar evidências relacionadas ao tema proposto e, assim, aumentar as possibilidades das reflexões e discussões. Inicialmente, busca-se identificar histórias para criações dramáticas, dessas próprias histórias surgem estéticas que sirvam de inspiração para processos criativos em visualidades, que abarca as vertentes da cenografia, indumentária, caracterização em maquiagem, criação de adereços de cena e iluminação. As histórias, como o surgimento do messianismo e cangaço, apresentam-se como uma reflexão e análise do sertão nordestino com suas questões sociais, crenças, superstições e religião que servem como processos criativos para criação de espetáculos. A configuração de natureza aplicada conduz a poéticas de encenação e criações nas artes cênicas que tem como tema a sertanidade.

DISCUSSÕES

O autor Reginaldo C Silva (2018, p. 89) fala sobre a necessidade de ampliar as discussões sobre o semiárido pelo viés dos seus aspectos artísticos, e não apenas através dos recursos naturais como “[...] reflexão de experiências bem sucedidas e da luta pelo atendimento das demandas históricas para fomento ou implantação de ações que garantam a continuidade dos processos de criação e fruição, particularmente no campo das artes cênicas”. Silva (2018) afirma que as Artes cênicas do sertão da Bahia foram impactadas pelo desenvolvimento das estradas de ferro, iniciada na segunda metade XIX, pois companhias de circo e de teatro passaram a circular com certa regularidade na região, passando a acontecer uma significativa movimentação circense e teatral, com artistas locais e em circulação. Essas influências tornam-se modos de fazer e criar para processos criativos e poéticas de encenar.

O sertão precisa ser atravessado por uma autolegitimação, consolidando nossas referências e histórias que levam a criar, a sonhar e a conviver com o divino maravilhoso. A criação de uma poética teatral de origem regional no Brasil é fruto de uma combinação de diferentes fatores. Um teatro em que além de uma composição visual rica, ancorada numa ação dramática com núcleo na alegoria das temáticas regionais. A ideia não é demarcar uma poética de encenação que se oponha e negue o que acontece de teatro fora do nordeste do país, mas buscar estimular processos criativos que tem como tema as nossas histórias que são de uma grande riqueza cultural do povo sertanejo da Bahia. Precisamos buscar preservar e valorizar a memória de seus processos de encenações, ratificar a importância da pluralidade cultural e refletir nossos processos de lutas e enfrentamentos. Existe uma realidade que deve ser explorada em suas subjetividades. O semiárido precisa se apresentar como realidade que ultrapassa as demarcações geográficas e físicas, pois, antes de tudo, a nossa terra é linguagem que pode ser expressa por vias poéticas, artísticas e das artes cena. Mesmo que atravessemos por recursos escassos, sem qualificação profissional e apoio financeiro, veem-se valorizando sua identidade sertaneja, artística e política, simplesmente, por amor ao teatro, ao palco.

Conforme Francisco Mota Filho (2017), a criação de uma poética teatral de origem regional no Brasil é fruto de uma combinação de diferentes fatores que contém uma composição visual rica, ancorada numa ação dramática com núcleo na alegoria das temáticas regionais, e com demarcação de uma poética de encenação que se oponha e

negue o que acontece de teatro no Nordeste, mas que busque estimular processos criativos que tem como tema as histórias de riqueza cultural do povo sertanejo. Através dos enveredamentos e encaminhamentos a partir dessas perspectivas, podemos criar e valorizar a nossa identidade sertaneja, artística e cultural, até mesmo com poucos recursos e sem políticas culturais adequadas aos nossos anseios e desejos, apenas pelo amor ao teatro e à nossa terra. Os estudos cênicos necessitam que as suas investigações e discussões recaiam sobre os demais eixos de formação cultural do Brasil, como um estudo mais aprofundado das artes no sertão que sirvam como conteúdo para se refletir sobre processos criativos em visualidades e surgesse daí um estilo de representação que desvie das trajetórias eurocêntrica e superasse de vez o teatro feito no eixo Rio-São Paulo. Há imagens que foram se organizando por meio de múltiplas linguagens, na literatura, na música, nas artes cênicas e visuais, tanto de fora para dentro como de dentro para fora. Surge daí, uma necessidade, realmente, de uma autorreferencialidade. De um retorno às nossas origens e valorização da nossa própria cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O messianismo assim como a história do cangaço, sua origem e construção social, bem como os símbolos e elementos estéticos utilizados pelos cangaceiros em sua indumentária inspiram um figurino para o teatro, assim como criações dramáticas baseadas em seu modo de vida e suas lutas contra a desigualdade social. O enfrentamento contra as injustiças, assim como, as questões religiosas, as crenças e as superstições, além da construção mística e estética da figura dos cangaceiros, por exemplo, são possibilidades e inspirações para processos criativos em dramaturgias, visualidades e encenações. As paisagens para compor e criar cenários, a indumentária, os tons de pele com seus sulcos e marcas profundas estampadas nos rostos do sertanejo para se pensar caracterização podem ser tomados como princípios, estratégias e procedimentos na criação de uma encenação.

A beleza do sertão está na sensibilidade do saber olhar para os detalhes e as minúcias, dos coloridos do pôr do sol, do luar prateado, das sombras e luzes da caatinga virgem e fechada para a iluminação assim como os tons de pele do sertanejo. Existe uma profusão de cores e uma diversidade de iluminação nas diferentes horas do dia, por exemplo, que servem como referência para a criação de luz de um espetáculo. Os animais do sertão, também, inspiram com suas peles e texturas servindo para o curtume e a criação

de trajes. Todas essas referências, imagens podem ser tomados como princípios, estratégias e procedimentos para processos criativos e construções de poéticas de encenação. Uma pluridiversidade de símbolos e elementos estéticos podem ser utilizados como possibilidades para a indumentária e uma grande variedade acaba inspirando criações de figurinos para o teatro, o cinema, a televisão e a moda.

O sertão tem aventuras e desventuras, tem passado, tradição e atualidade e tem teatro. Podemos vislumbrar nessa terra uma quantidade significativa de cores, imagens, formatos, texturas, sons, luzes e sombras, que não cessam na cartografia imagética. Por isso é importante perceber o seu cotidiano, contemplar a sua beleza, as suas histórias, as suas pluralidades, as realidades sensíveis, as memórias e os esquecimentos, assim como a dureza da vida. É preciso exercer um telurismo poético a fim de estimular, inquietar e fascinar os nossos sentidos e criando assim o nosso sentimento de pertencimento e orgulho pela nossa terra. Os laços afetivos e as memórias que fazem parte do meu imaginário na vivência com o sertão me potencializa a criar poéticas de encenação a partir de processos criativos que envolvem histórias, dramaturgias e visualidades advindas da vida sertaneja na Bahia. São marcas cravadas em minha memória que se perpetua, se refazem, se ressignificam e se liquefazem em processos criativos e poéticas a serem sonhadas e encenadas.

REFERÊNCIAS

BAUERMANN, Débora. *A estética e a indumentária do cangaço nordestino*. Universidade Feevale, Novo Hamburgo, 2016. Dissertação. Disponível em: <https://tconline.feevale.br/tc/files/2601_850.pdf>. Acesso em: 28 out. 2023

BRANCO, Samuel Murgel. *Caatinga: a paisagem e o homem sertanejo*. 1. ed. São Paulo, SP: Moderna, 2002.

DAMASCENO, P. A. Zé Celso, *Antônio Conselheiro e Euclides da Cunha transformaram o sertão*. Diário do Nordeste, Ceará, 2023. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/opiniao/colunistas/pa-damasceno/ze-celso-antonio-conselheiro-e-euclides-da-cunha-transformaram-o-sertao-1.3391126>. Acesso em 29 out. 2023

DOESWIJK, Andreas. *Vivir es muy peligroso: mesiánicos y cangaceiros en los sertones brasileños, 1890-1940*. Ediciones ryr, Buenos Aires, 2016. In: Emak Bakia. Disponível em: <https://emakbakea.wordpress.com/category/lecturas/page/19/>. Acesso em 29 out. 2023

GOMES, Antenor Rita. *Sertão em cores: Caminhos para ensinar e aprender com imagens do sertão*. Salvador: EdUFBA, 2019.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LIMA FILHO, Francisco G. Magela. Os Nordestes e o teatro brasileiro. Salvador: Universidade Federal da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas. 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/23648/1/COPIA%20COMPLETA.pdf>. Acesso em: 31 out. 2023

MACIEL, Frederico Bezerra. *Lampião, seu tempo e seu reinado: as origens*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1985. Disponível em: <https://uniaberta.com.br/fontes-do-messianismo-milenarista-brsileiro/>. Acesso em: 04 nov. 2023

MELLO, Frederico Pernambucano. *Estrelas de Couro: a estética do cangaço*. 3. ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2015.

MIRANDA, Ana. *O lunário perpétuo*. Ceará, O povo online, 2012. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/app/colunas/anamiranda/2012/05/19/noticiasanamiranda.2841675/o-lunario-perpetuo.shtml>. Acesso em 29 out. 2023

NERY, Marie Louise. *A evolução da indumentária: subsídios para criação de figurino*. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2009.

PERICÁS, Luiz Bernardo. *Os cangaceiros: ensaio de interpretação histórica*. São Paulo: Boitempo, 2010.

RANGEL, Sonia. *Olho Desarmado: objeto poético e trajeto criativo*. Salvador: Solisluna, 2009.

SILVA, Reginaldo Carvalho da. *Dionísio pelos trilhos do trem: circo e teatro no Sertão do Brasil*. Curitiba: CRV, 2018.

VASCONCELOS, Cláudia Pereira. *Ser-tão baiano: o lugar da sertanidade na configuração da identidade baiana*. Salvador: Edufba, 2011.

WANDERLEY, Andrea C. T. *Lampião e outros cangaceiros sob as lentes de Benjamin Abrahão*. In: Portal Brasileira Fotográfica, 2017. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?tag=cangaceiro>. Acesso em 29 out. 2023

AGRADECIMENTOS

Ao curso de Licenciatura em Teatro da Universidade do Estado da Bahia, Campus VII, Senhor do Bonfim que tem me impulsionado cada vez mais a olhar minhas origens, referências e memórias de um ser nascido e criado em terras sertanejas.

